

AMAZONIA E RELIGIOSIDADE: O SANTO DAIME E AS DIFERENTES REPRESENTAÇÕES SOBRE OS SABERES DA FLORESTA¹

Gabriel Matheus Serra Maia de Souza² - Mestrando no em cartografia social e política da AMAZÔNIA/PPGCSPA – UEMA.

O estudo explora a religião Santo Daime, surgida na Amazônia em 1930 por Raimundo Irineu Serra. Analisa sua estrutura social, expansão global e resistência cultural, destacando as práticas rituais e a autonomia produtiva dos adeptos. A abordagem relacional de Bourdieu e o conceito de rizoma de Deleuze e Guattari são utilizados para entender as dinâmicas sociais e a multiplicidade de contextos do Daime.

PALAVRAS-CHAVE: Santo Daime. Amazônia. resistência cultural.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, busco abordar uma religião nascida na denominada Amazônia, em meados 1930³, iniciada e desenvolvida por um maranhense, filho e neto de escravizados, que migrou para o Acre em 1909, este maranhense – Raimundo Irineu Serra – originou uma prática religiosa com base no sacramento, chamado daime⁴, congregando em uma comunidade predominantemente de migrantes das regiões nordeste do Brasil e de amazonidas.

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024);

² Mestrando em Cartografia Social e Política da Amazônia, especialista em advocacia criminal, advogado, acreano, daimista.

³ Século XX, inicia-se a Revolução de 1930 idealizada por Getúlio Vargas, início do New Deal por Franklin Roosevelt, período da Grande Depressão e eclosão dos regimes nazista, fascista, stalinista, coroação na Etiópia do Imperador Ras Tafari, no Acre se intensifica a exploração do látex (borracha) explorado principalmente para utilização na segunda guerra mundial e no Maranhão, recém incorporado a federação brasileira, tendo a primeira constituição promulgada em 1891, um ano após o nascimento de Raimundo Irineu Serra, no interior do Maranhão, sudoeste da ilha de Upaon-Açu, repleta de várzeas e bacias lacustres, neto de escravizados por Salustiano José Serra.

⁴ Nome dado à bebida proveniente da união em decocção de duas plantas, um arbusto (*psychotria viridis*) e um cipó (*banisteriopsis caapi*) em contexto ritual.

GT 089: Quilombos: processos de territorialização, movimentos sociais e conflitos.

O migrante maranhense Raimundo Irineu Serra, posteriormente conhecido apenas como Padrinho Irineu ou Mestre Irineu, adotou uma gama de práticas que propiciou uma vasta gama de adeptos, dispendo de uma liderança carismática, o sacramento utilizado como amalgama da prática religiosa é o Daime, nos ritos litúrgicos e no dia-dia dos adeptos Mestre Irineu promulgou uma carta de ensinamentos e orientações a serem seguidas pelos fardados⁵.

No centro da prática ritual os elementos da denominada Amazônia⁶ surgem como fundamentos para a formação de comunidades, com fundamentos centrados em uma prática de resistência centrada em uma autonomia produtiva baseada nos chamados roçados. Deste modo, através da percepção dos elementos de autonomia deste grupo religioso amazônico, das suas representações e saberes da floresta, buscarei refletir as formas de resistência dessas famílias no Acre, oriundas principalmente do Estado do Maranhão.

DA ESTRUTURA SOCIAL E HISTÓRICA

Está em discussão as formas de organização de agentes sociais referidos a uma geração após a submissão à escravidão, e que migram para áreas com um predomínio de um outro tipo de imobilização da força de trabalho, no caso em análise, nos seringais do Acre, como forma de garantir a sua sobrevivência. Busco refletir a relação da religiosidade com essa resistência face a um outro⁷ tipo de submissão a interesses externos aos seus e vinculados a práticas de exploração da Amazônia.

Originariamente o uso da bebida surge no âmbito dos povos indígenas, contudo, com o avanço dos seringueiros rumo a floresta, seja pelas vias da subsistência ou por meio do avanço do extrativismo do látex na Amazônia Ocidental⁸, propiciou a troca de saberes tradicionais entre os povos ali existentes, seja os indígenas ou dos nordestinos migrados para a referida região Amazônia, contudo, importa mencionar que tais movimentos de

⁵ Nome dado aos membros assíduos que seguem a cartilha de regras do Daime.

⁶ Percebida neste trabalho como um conceito multifacetado que engloba as questões de territorialidade, políticas de desenvolvimento, disputa em campos do saber e tradicionalidades.

⁷ Período da exploração do látex oriundo da seringueira (*Hevea brasiliensis*) entre 1879 a 1945, para fornecimento da borracha as indústrias automobilísticas e posteriormente aos insumos necessários principalmente para 2ª guerra mundial.

⁸ Esta composta pelos Estados do Amazonas, Acre e Roraima, com 42,97% da extensão da chamada Amazônia Legal, região com maior parte preservada e condição de biodiversidade única no planeta.

extrativismo, imposição de forças e transformações nos campos de poder ali estabelecidos formam e amalgamaram as estruturas estruturantes da prática ritual da bebida sacralizada.

O líder dos daimista, Raimundo Irineu Serra atuou em diversas frentes decorrentes das transformações sociais ali existentes, quais sejam, foi membro da comissão de limites liderada por Marechal Cândido Rondon, sendo o protetor do tesouro⁹ da referida comissão na região, também atuou como catraieiro, seringueiro, soldado da borracha¹⁰ e agricultor, deste modo, Mestre Irineu como ficou conhecido até nos dias atuais, encontrase com pajés e tem acesso a bebida *ayahuasca*¹¹ e passa desenvolver o Daime em meados de 1930.

Contudo, nota-se que do uso indígena até o estabelecimento do Daime como doutrina religiosa, muitos foram os desafios legais e institucionais que culminaram na expansão da prática religiosa para além da Amazônia, hoje sendo presente em diversas unidades da federação.

As reminiscências do uso da ayahuasca remontam desde o uso dos povos andinos até o uso dos povos ribeirinhos e seringais durante o final do século XIX, pressupondo uma rede trocas entre estes habilitantes da região amazônica, daí as diversas nomenclaturas, tais como, nixi pae, uní, yajé, kamarampi e outras de linguagem indígena e pelas comunidades de seringal ou ribeirinhos amazônicos, mais conhecida como vegetal ou daime (MOREIRA & MACRAE, 2011).

Daime, porém, surge das reflexões das visões obtidas com as experiências de Mestre Irineu nos rincões entre Amazônia legal e Amazônia peruana, inicialmente obtendo a bebida – ayahuasca – por meio de iniciadores pajés, passando então a experienciar tais cerimônias, onde em 1930 decide então iniciar formalmente sua doutrina “recebida” por inspiração divina, já localizado no Município de Rio Branco, no recente Estado do Acre.

⁹ Valores que a Comissão Rondon necessitava ter e assegurar para o desempenho das atividades concernentes a reconhecer e ocupar o território brasileiro, defender as fronteiras e implantar linhas e postos telegráficos nas regiões menos ocupadas do país à época.

¹⁰ Nomenclatura dada aos trabalhadores que foram recrutados de diversas regiões do Brasil, em maioria do Nordeste, para trabalhar nos seringais amazônicos na extração de látex que posteriormente ficavam em regime de escravidão ou semiescravidão, em razão da exploração feita pelos coronéis seringalistas no que tange a alimentação, exploração de força de trabalho, inclusive, condições de liberdade de deixar os seringais.

¹¹ Nome oriundo da língua quéchua, com significado de liana dos espíritos ou vinho das almas.

Neste período, Mestre Irineu tomava o Daime e fazia sua produção por meio de retirada dos materiais necessários da floresta, ou seja, o arbusto e o cipó que unidos em decocção redundam na bebida, Daime, eram retirados de forma artesanal da floresta, deste modo, Mestre Irineu passava a fornecer as pessoas que o buscavam o sacramento Daime e as orientações espirituais, contudo, o atendimento tinha maior procura por pessoas ditas “desesperançadas” da cura de alguma enfermidade física ou espiritual (GOULART, 2002, p.320; MOREIRA & MACRAE, 2011, p.143). Estes enfermos do corpo e da mente, ao alcançarem seus objetivos naturalmente se tornavam adeptos da doutrina do Daime.

Portanto, a interpretação da estrutura e história de Mestre Irineu e do Santo Daime se apresenta como uma reflexão relacional do campo religioso daimista, as configurações presentes no primórdio e contemporaneamente apresentam uma profusão de contextos sociais, políticos e históricos, inclusive, com as cosmovisões ayahuasqueiras.

DA EXPANSÃO, RESISTÊNCIA E LEGITIMIDADE DAIMISTA

Atualmente o Daime ou Santo Daime¹² pode ser acessado em diversos países¹³ do globo ou estados do Brasil, contudo, ao passo que a prática se “globaliza” os desafios e resistências para a referida prática se modificam e passam a ter graus de dificuldade de acesso distintos, a prática do Daime – maneira como irei me referir doravante – permeia práticas de resistência e autonomia produtiva para as comunidades a ela adeptas, neste sentido busco neste artigo uma relativização acerca da origem e campo de disputas e resistências, pois bem, refletindo o que afirmou o francês Bourdieu (1983, p. 47) “*O duplo processo de interiorização da exterioridade e de exteriorização da interioridade: este conhecimento supõe uma ruptura com o modo de conhecimento objetivista*”, ou seja, o autor mencionada busca defender uma abordagem que faça uma concepção da sociedade como um processo dinâmico de construção mútua de conhecimento entre indivíduo e a estrutura, avançando sobre a perspectiva de superar a dicotomia existente entre objetividade e subjetividade, percebendo – portanto – que o indivíduo não apenas é

¹² Há uma discussão interna no campo daimista sobre qual nomenclatura pode ser a mais acertada “daime” ou “santo daime” sendo que os centros religiosos optam individualmente a forma, contudo, nos centros chamados tradicionalistas (CICLU, CRF, CICLUJUR) o termo utilizado principalmente é o Daime, porém, se observado dos centros mais recentes e ecléticos (ICEFLU, CEFLI, etc), a opção utilizada precipuamente é “santo daime”.

¹³ Há em países da Europa e na América do Norte dezenas de adeptos que fundaram centros e possuem autorização expressa dos respectivos órgãos governamentais para uso religioso do Daime.

moldado pela sociedade, contudo, este também atua ativamente na formação e transformação daquela.

Deste modo, a premissa aqui refletida permeia acerca da flutuação dos saberes e se distancia de uma interpretação meramente geográfica (ao sopesar as questões regionais do Acre para refletir o Daime) ou biológica (dissecar as substâncias componentes da bebida e o efeito no corpo humano) para além destas perspectivas se busca refletir a partir da perspectivas das pessoas ali estabelecidas e dos campos abordados, bem como, refletir como a categoria Amazônia está disposta nesta contextualização.

Considerando que a prática do Daime é permeada de ensinamentos orais, ou seja, transmissão via oral por meio de histórias e ensinamentos passados pelas gerações, tem-se que o início ou “fim” não está sujeito a temporalidade ou um ponto fixo no mapa, ou seja, a prática daimista é não-linear, tendo o Mestre Irineu desencarnado do corpo físico, contudo, ainda é vivo nos ensinamentos das práticas rituais e litúrgicas, percebendo a importância do lugar social como ponto mais relevante ou mesmo elucidativo para refletir a trajetória ao invés de uma análise linear do ponto geográfico. Frisa-se de forma especial que Mestre Irineu não tem uma referência antes de si, ou seja, não há um pastor, padre, sacerdote ou pajé vinculado ao início das práticas religiosas e sim um cidadão que perpassa por diversos cargos profissionais e sociais – encarregado do tesouro da comissão de limites, soldado da borracha, catraieiro e liberto do chefe do barracão¹⁴ ou do sistema de aviamento¹⁵ - que passa a ter uma perspectiva de liderança carismática junto a coletividade ali estabelecida, tornando-se o Mestre encarnado, referência autônoma, o próprio Mestre de si próprio, não havendo, portanto, a discussão de antepassado ou ancestralidade, ele é e com isso, apresenta também a perspectiva de autonomia e resistência aos poderes e forças já estabelecidos.

Deste modo, refletindo acerca da maneira como as dinâmicas foram se constituindo ao passo que o lugar social e campos de forças foram se permeando, bem como, ponderando acerca do pensar relacional em contraponto a observação estrita que sugerem os objetivistas, nota-se que Raimundo Irineu Serra e seus discípulos construíram

¹⁴ Barracão era o armazém mantido nas sedes dos seringais que distribuíam os suprimentos básicos aos seringueiros, ferramentas e demais insumos necessários para o dia-dia e a lida dos sujeitos ao fluxo do seringal.

¹⁵ Sistema de Aviamento era um mecanismo de controle de força de trabalho presente nos seringais onde ocorria o ponto de controle econômico do seringal e cume da condição exploratória dos seringais, constituído por um sistema de créditos que os patrões forneciam a prazo aos seringueiros, deixando-os subordinados ao trabalho e exploração econômica dos donos de seringais.

na pequena vila que posteriormente levaria seu nome uma forma da resistência e autonomia social, por meio dos plantios de hortas, bem como, pela resistência religiosa que propunha em seus dogmas, um disciplina coletiva.

Isto é, pensar as relações e elementos sociais que compõem um dito sistema social, rompendo com as observações pragmáticas ou cristalizadas até então concebidas, pensar relacionalmente uma liderança na imagem de uma pessoa preta, migrante e sem posses, bem como, propondo uma prática religiosa fora da tradicionalidade, contudo, que promoveu um estrutura social organizada, destituindo pré-noções, deste modo, devendo cotejar o agente e seu redor, relacionalmente, neste sentido:

“Torna-se presente o primeiro preceito do método, que impõe que se lute por todos os meios contra a inclinação primária para pensar o modo social de maneira realista ou, para dizer como Cassirer, *substancialista*: é preciso pensar relacionalmente. Com efeito, poder-se-ia dizer, deformando a expressão de Hegel: *O real é relacional*.” (BOURDIEU, 2002, p. 28-29)

Instaura-se, contemporaneamente, no campo religioso formado inicialmente por Mestre Irineu uma teia de usos do Daime, numa dinâmica que tem como componentes primordiais a exegese daimista a coletividade originária, formada pelos povos indígenas que milenarmente utilizam a bebida (ayahuasca), a coletividade daimista adepta de Mestre Irineu, os vegetalistas em alusão ao José Gabriel da Costa fundador da União do Vegetal (UDV), bem como, as coletividades neoayahuasqueiras que adotam um uso do sacramento em meio a pajelanças e novas práticas rituais, contudo, todos possuem um papel crucial na legitimação de uso religioso no Brasil.

O CAMPO DAIMISTA

Tais legitimações partem, também, de princípios endógenos da coletividade, bem como, pioneiramente da forma como Mestre Irineu propiciou as relações com o estado, as resistências perpetradas na conduta social dos adeptos, deste modo, as categorias acionadas pelos agentes sociais vinculados ao Daime, são marcadas por uma construção coletiva que orienta a coesão social do campo religioso¹⁶ daimista.

¹⁶ Campo religioso aqui percebido como um espaço social de ocorrem as legitimações e disputas coletivas, o relacional entre os adeptos e novas comunidades.

Deste modo, a categoria acionada como “campo daimista” reflete sobre as relações derivadas da doutrina do daime em meio a Amazônia e seus contextos, ademais, o sacramento da doutrina do daime emerge da utilização de duas plantas endêmicas da Amazônia e estas até pouco tempo restrita apenas das regiões do estado do Acre, Amazonas e Pará.

Outrossim, reflete-se também que as interações derivadas desta coletividade que é arregimentada em uma diversidade de práticas rituais, diferentes liturgias, contudo, tendo como norte as orientações passadas por Mestre Irineu, expandindo ou mesmo transcendendo a noção inicial de um campo restrito, nota-se tal perspectiva ao observar que primordialmente se tinha a compreensão da Ayahuasca e posteriormente com a “roupagem” das liturgias e doutrinas acrescidas, surgem o Daime e Vegetal.

Tal perspectiva quando analisada sobre o prisma do contexto relacional aduzido por Bourdieu (2002, p.28-29) pode ser compreendido tanto como uma possibilidades de tentativas de novos agrupamentos, novos dogmas e conseqüentemente novas fronteiras dentro do poder simbólico ali existente, bem como, a própria multirepresentação e propagação de saberes oriundos das territorialidades específicas que emergem das coletividades ali dispostas.

Deste modo, refletindo a ideia dos autores Deleuze e Guattari acerca da ideia de rizoma para pensar a multiplicidade de contextos trazidos pela construção da *doutrina do santo daime* e o contorno relacional:

“Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões. Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas”
(DELEUZE e GUATTARI, 2000, p. 8)

Portanto, utilizando a ideia de Deleuze e Guattari, pode-se afirmar que assim como os rizomas, os adeptos do Daime e suas conglomerações de práticas rituais e organizações perpassam a fronteira imaginária entre os ritos seguidos e avançam frente aos conflitos que surgem também derivados dos mistérios em volta do sacramento Daime, pois, passa a se tornar após os anos 80 um fenômeno de contracultura, conforme já mencionado em trabalhos variados (GOULART 1996; GROISMAN, 2000; LABATE & ARAÚJO 2002;

MOREIRA & MACRAE, 2011; BARROS, 2022;) sobre tais diversificações e enfrentamentos.

A análise da trajetória e práticas do Santo Daime revela um complexo tapeçário de resistência cultural e autonomia produtiva, iniciado por Mestre Irineu no Acre. Este movimento, profundamente enraizado nas experiências de migrantes e na troca intercultural com povos indígenas, não apenas sobreviveu, mas se expandiu, refletindo uma dinâmica relacional e não-linear.

Em suma, a trajetória do Santo Daime, desde suas raízes amazônicas com Mestre Irineu até sua expansão global, revela-se um fenômeno complexo e multifacetado. A análise relacional proposta por Bourdieu ilumina as dinâmicas sociais e as relações de poder que moldaram essa religião, evidenciando a resistência e a autonomia construídas por seus adeptos frente aos desafios enfrentados. A expansão do Daime, comparada ao rizoma de Deleuze e Guattari, demonstra a capacidade de adaptação e a criação de novas ramificações, mantendo a coesão em torno dos ensinamentos de Mestre Irineu.

O campo daimista, como um espaço de múltiplas práticas e liturgias, reflete a riqueza e a diversidade da experiência religiosa com a ayahuasca. As categorias acionadas pelos agentes sociais, como a valorização da coletividade e a conexão com a natureza, contribuem para a construção de identidades e a legitimação do uso religioso do Daime. A análise da trajetória de Mestre Irineu, como um líder carismático e autônomo, reforça a importância do lugar social na construção da doutrina e na resistência aos poderes estabelecidos.

A pesquisa sobre o Santo Daime, portanto, transcende as perspectivas geográficas e biológicas, focando nas relações sociais e nas experiências dos indivíduos. A compreensão da história e da expansão do Daime contribui para o diálogo interdisciplinar sobre religião, cultura e sociedade, revelando a importância de se considerar as múltiplas vozes e narrativas que compõem esse universo. A análise do campo daimista abre caminhos para futuras pesquisas sobre a relação entre religiosidade, identidade e resistência, aprofundando o conhecimento sobre as complexas dinâmicas sociais que envolvem o uso da ayahuasca.

Este trabalho é destinado ao PPGCSPA com objetivo de apresentar material produzido em prol de publicação na RBA-2024, podendo ainda sofrer modificações, conforme orientação, tendo como data final para submissão a comissão organizadora da RBA-2024, o dia 10 de junho de 2024.

BIBLIOGRAFIA

DELEUZE, Gilles; **GUATTARI**, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. 94 p. ISBN 85-85490-49-7.

GOULART, S. 1996. “As Raízes Culturais do Santo Daime”. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo.

GOULART, S. 2004. “Contrastes e Continuidades em uma Tradição Amazônica: as Religiões da Ayahuasca”. Tese de doutoramento, PPGCS, Campinas: Unicamp.

GEERTZ, Clifford. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis, RJ: Vozes. 2004.

GROISMAN, A. 2000. Santo Daime in the Netherlands: An Anthropological Study of a New World Religion in a European Setting. PhD thesis, Goldsmiths College, University of London.

MOREIRA, Paulo; **MACRAE**, Edward. Eu venho de longe: Mestre Irineu e seus companheiros. Salvador: EDUFBA, 2011. 592 p.

LABATE, Beatriz Caiuby; **ARAÚJO**, Wladimir Sena (Orgs.). O uso ritual da ayahuasca. 2ª ed. 1ª reimp. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

_____. Matrizes Maranhenses do Santo Daime. In: **LABATE**, B. C.; **ARAÚJO**, W. S. (Org.). O uso ritual da Ayahuasca. Campinas, SP: Mercado de Letras; FAPESP, 2002. p. 303-344.

BOURDIEU, Pierre. Economia das trocas simbólicas. São Paulo: perspectiva, 2005a.

_____. Razões Práticas: sobre a teoria da ação. (Trad) Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papirus, 1996.

_____. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

GT 089: Quilombos: processos de territorialização, movimentos sociais e conflitos.
